

# O direito à má língua

Rui Zink, Miguel Esteves Cardoso e Manuel Serrão afiaram as facas para fazer uma sessão especial de má-língua para o 'Expresso'. Puseram Portugal na bancada e ninguém lhes escapou. ENTREVISTA DE KATYA DELIMBEUF E MAFALDA ANJOS FOTOGRAFIAS DE ANA BAIÃO



**C**áustico como sempre, o «sexo fraco» da «Noite da Má Língua» reuniu-se à mesa numa conversa divertida sobre Portugal, que comparam a um talho, onde tudo está pendurado. A actualidade foi passada a pente fino, de José Sócrates a Manuela Ferreira Leite, de Vítor Constâncio ao BPN, da educação à comunicação social. O pretexto foi o seu novo livro «Os Senhores da Má Língua», que transcreve uma conversa de três dias em Setembro, no Algarve.

**Como surgiu a ideia de escrever este livro, 13 anos depois do fim do programa?**

**Miguel Esteves Cardoso:** Foi a Bertrand que

veio ter connosco. Temos feito sessões de má-língua informais, porque ficámos muito amigos, mas fazíamos-lo por graça e de graça. Assim, foi uma maneira de falar uns com os outros, o que, ao princípio, parecia agradável e depois revelou-se um inferno...

**Hoje, era possível haver uma «Noite da Má Língua»?**

**Rui Zink:** Não. Isso implicaria uma televisão que estivesse disposta a correr riscos. E agora parece que não dá.

**Como assim?**

**M.E.C.:** Quando o Balsemão fundou o «Expresso», foi uma revolução total nos «media». Na altura, era estonteante a liberdade que se tinha para dizer tudo. Depois, com a SIC aconteceu a mes-

ma coisa, a liberdade permitida era uma loucura. Quando o Rangel veio ter connosco, disse-nos que podíamos falar de tudo, inclusive do próprio Balsemão. Tínhamos liberdade absoluta, o que vai muito além da simples liberdade de imprensa. Foi fantástico. Mas isso hoje não é possível. Hoje há os blogues, mudou tudo muito...

**Manuel Serrão:** Mais grave do que isso. Há uma ligação enorme entre o poder económico e o poder político, que não existia naquele tempo. Não há lugar para crítica aberta. A teia de interesses é muito poderosa. E não se pode fazer um programa destes com uma cartilha a dizer: não se pode dizer mal da empresa x ou do político y...

**R.Z.:** Há 14 anos encontrei no metro um homem que me reconheceu da televisão e disse: «Eu sou